

Razão, ciência e anarquismo na obra de Paul Valéry

Daniel Falkemback Ribeiro*

Muito se diz sobre a discussão sobre a ciência, a razão e a política na obra de Paul Valéry, poeta e ensaísta francês que viveu de 1871 a 1945. De sua produção, textos como *Introduction à la méthode de Léonard de Vinci*, *Monsieur Teste*, *Mauvaises pensées*, *Regards sur le monde actuel* e *Mon Faust* se destacam na análise crítica do autor por seu nítido aprofundamento nessas questões. Neste texto pretendo avaliar especificamente uma obra de Valéry que põe em diálogo diretamente ciência, razão e anarquismo, que seriam *Les principes d'anarchie pure et appliquée*¹, escritos entre 1936 e 1938, dentro do período da Guerra Civil Espanhola, na qual anarquistas tiveram destaque nas lutas contra a Falange do general Francisco Franco. Para se entender esse texto póstumo de Valéry, é necessário antes se pensar parte de sua produção.

É evidente se observarmos o percurso textual de Valéry que a diversidade formal marcou sua obra, ainda que haja uma certa constância nas temáticas, como se o autor quisesse entender as mesmas questões de modos diferentes. A literatura, acima de tudo, parece buscar justamente compreender o mundo sob recursos diferentes que deem uma perspectiva de alteridade tanto para o autor quanto para o leitor. O paradoxal, no caso, é perceber que a obra desse autor francês busca em figuras alheias da realidade a sua volta, como o *monsieur Teste* de vários textos seus, compilados no Brasil sob o título genérico de *Monsieur Teste*. A figura do intelectual solitário, do cientista em seu gabinete é abordada em seus textos desde *Introduction à la méthode de Léonard de Vinci* (1894), em que lemos em sua abertura:

O que fica de um homem é o que nos levam a pensar seu nome e as obras que fazem desse nome um signo de admiração, de ódio ou de indiferença. Pensamos que ele pensou, e podemos reencontrar entre suas obras esse pensamento que lhe é dado por nós: podemos refazer esse pensamento à imagem do nosso. (VALÉRY, 1998, p. 9)

* Contato: danielfalkem@gmail.com.

¹ Em tradução livre: “Os princípios da anarquia pura e aplicada”. Esse texto, assim como outros de Valéry, ainda não foi traduzido para o português.

Fica claro desde o início da trajetória de Valéry sua visão sobre o pensamento como algo a ser apropriado, a ser reinventado por cada pessoa, numa ideia de conhecimento que se constrói e reconstrói a todo momento coletivamente sem permanecer homogêneo e estável. Leonardo da Vinci lhe aparece, no caso, como “um homem de quem teriam aparecido ações tão distintas que, se eu vier a lhes atribuir um pensamento, não existirá outro de maior extensão” (VALÉRY, 1998, p. 13). O oposto disso, a mente fechada em si mesma, a caricatura do homem burguês que se utiliza do método positivista para seus próprios propósitos também está presente em seus textos, especialmente na figura do referido *monsieur* Teste. Esse senhor, segundo seu autor, “foi engendrado – num quarto onde Auguste Comte passou seus primeiros anos – durante uma era de embriaguez de minha vontade e em meio a estranhos excessos de consciência de mim” (VALÉRY, 1997, p. 7). A própria personagem se apresenta assim:

Vita Cartesii est simplicissima...

A tolice não é meu forte. Vi muitos indivíduos; visitei algumas nações; participei de diversos empreendimentos sem gostar deles; comi quase todos os dias; toquei algumas mulheres. Volto a ver agora umas centenas de rostos, dois ou três grandes espetáculos e talvez a substância de vinte livros. Não guardei nem o melhor nem o pior dessas coisas: sobrou o que pôde. (VALÉRY, 1997, p. 15)

Ao longo dos textos desse ciclo Teste, vemos como o protagonista envelhece ao lado de *madame* Émile Teste, tem amigos e é estudado por um narrador que nos é desconhecido. O próprio *monsieur* Teste é, a todo momento, caracterizado como alguém em conflito interno entre sua sensibilidade, às vezes aparente, segundo sua esposa, e o desejo de se manter rígido em suas atitudes e convicções, procurando apoiar-se em sua lucidez, em seu intelecto para guiar sua vida. O rigor cartesiano o leva, é claro, ao distanciamento das relações humanas, algo que é, apesar de triste, abordado com uma leveza cômica característica do autor, algo também presente em *Mon Faust*.

Em 1945, Paul Valéry faleceu e deixou *ébauches*, esboços desse *Mon Faust*. O que chamamos de *tradição fáustica* era algo já estava bem estabelecido a ponto de ser repensado e reelaborado por expoentes da arte moderna, como Fernando Pessoa, Thomas Mann e o próprio Valéry. O mito do doutor Fausto, de origem medieval, estava

assimilado pela cultura erudita e popular e tinha em Goethe a maior referência de expressão, portanto não havia mais a necessidade de apresentá-lo aos leitores. Seu *Fausto* ainda se mantém como um monumento ao qual os escritores modernistas continuaram a fazer menção cada um à sua maneira.

São vários os pesquisadores que buscam entender como essa tradição seguiu até o século XX e os rumos que tomou nas mãos de cada artista. É perceptível que, nesse contexto, Valéry surge com uma proposta diferente dos outros, que se voltaram para o romance ou para a poesia: assim como Goethe, ele trata do mito para fins de representação teatral. No caso do poeta francês, esse texto não é uma tragédia, mas sim uma comédia, uma “comédia intelectual”, como afirma João Alexandre Barbosa (2007). Na verdade, toda a obra de Valéry parece tratar do intelectual, dessa figura que assume para si a construção do conhecimento humano como fim principal da existência. Apesar do intelectual estar no centro de seu pensamento, ele não está lá em uma posição laudatória, mas sim para ser repensado.

Em seus ensaios, predominantes em sua produção a partir do período entre-guerras, o papel do cientista, da razão começa a se associar à filosofia e à política de modo direto. Temos trabalhos como *Cartesius redivivus*², publicado nos *Cahiers Paul Valéry*, os cadernos do autor lançados *post mortem*, resultado de seus estudos da obra de Descartes em diversos momentos de sua vida, notavelmente 1925, 1937 e 1941 (JARETY, 1986, p. 8). A preocupação em compreender a filosofia cartesiana, referencial para a constituição do método científico e da lógica, demonstra que Valéry estava novamente interessado em redefinir a ciência e a razão na modernidade.

Agora, é fundamental compreender que o autor francês tinha consciência de que não poderia refletir sobre o pensamento humano sem se esquecer da premissa dada sobre Leonardo da Vinci, de que o conhecimento serve para ser apropriado e reinventado sem parar. Para Valéry, pareceu ser importante também avaliar a situação política do mundo, sua história e seus princípios para, então, tirar suas conclusões acerca do caráter do conhecimento humano. O fato de esse viés político de Valéry surgir especialmente em um período tão conflituoso quanto os das guerras mundiais aponta para sua necessidade de reavaliar o que acontecia certamente porque discordava de uma série de rumos tomados pelas nações europeias.

² Título original em latim. Se traduzido, seria algo como “Descartes renovado”.

Alguns ensaios de Valéry são essenciais para seguirmos seu pensamento político que ainda parece confuso para muitos críticos. Na introdução (*avant-propos*) de *Regards sur le monde actuel*³, a obra é dedicada “às pessoas que não têm um sistema e são alheias a partidos; que por isso são livres ainda para duvidar do que é duvidoso e não rejeitar o que não o é.” (VALÉRY, 1960, p. 913) Fica clara a intenção do autor, então, de tratar da política em um senso não-comum em ensaios “no sentido mais verdadeiro do termo”, como tentativa de compreender o mundo, não para dogmatizá-lo segundo as pretensões de algum partido. Essa compreensão do mundo pode ser entendida, assim como em outros textos de Valéry, sob um viés filosófico, como questionamento de princípios que norteiam nossas ações na realidade. Daí a preocupação do autor mesmo, em um livro seu mais “político”, de avaliar a metodologia da história ou de refletir sobre o conceito de liberdade. Seus ensaios todos parecem se aproximar de campos da filosofia a fim de repensar a ciência e a política.

Como é possível notar, ao longo de todo seu percurso intelectual, especialmente a partir do período entre-guerras, Valéry coloca lado a lado pontos relacionados ao pensamento humano com a política. Refletir sobre ciência e razão parece ser para ele algo intrinsecamente ligado ao debate sobre a organização da sociedade, sobre a política em seu sentido extra-eleitoral. Nesse sentido, sua obra em que se torna mais evidente a relação entre ciência, razão e política é justamente *Les principes d'anarchie pure et appliquée*, compostos de fragmentos presentes nos cadernos deixados por Valéry que ainda não foram editados todos. François Valéry, filho do autor e um dos principais estudiosos de suas relações com a filosofia política, foi o responsável pela edição dessa obra, que suscitou a partir da década de 1980 uma análise do social na obra do pai.

Desde o início desse texto de Valéry, há a dúvida sobre seu caráter como tratado ou como paródia. O fato de a “anarquia”⁴ no título ser definida como “pura e aplicada”, como em um manual de ciências exatas ou naturais, parece ter um certo tom cômico. Em seguida, lê-se “*Les principes d'anarchie raisonné*” como primeiro subtítulo da obra. Novamente, a anarquia é definida como “racional”, como em gramáticas e outros manuais antigos. A ironia nos textos de Valéry é sutil, o que nos faz ler com o distanciamento do humor essas palavras para vê-las em um contexto mais amplo.

³ Em tradução livre: “Visões do mundo atual”.

⁴ Note-se a grafia: “*anarchie*”, típica de textos do século XIX, que ainda procuravam pela hifenização ressaltar o prefixo grego *án-*, que denota ausência de algo (daí a definição típica de anarquia, “sem poder” ou “sem governo”).

Apesar desse tom irônico que perpassa os fragmentos, não podemos dizer que a obra por inteiro seria uma “paródia” pura e simplesmente, como se cogita em seu prefácio. Os fragmentos em sua maioria mantêm total coerência com as outras reflexões filosóficas e políticas do autor, algo que poderemos atestar na análise de alguns trechos. Não acredito que se trate realmente de um *tratado* no seu sentido estrito, como o título apontaria, porém uma reflexão fragmentária que diverge do método do tratado, que procura reinventar o pensamento.

Podemos seguir a própria ordem do texto para buscar analisar as relações entre ciência, razão e política nele presentes, especialmente para tentar entender o papel do anarquismo nessa compreensão do mundo do autor. Cito os trechos de acordo com sua disposição gráfica editada – que muitas vezes dialoga com a forma poética –, salvo uma ou outra exceção. Também procuro realizar uma tradução instrumental em notas para auxiliar a leitura.

De início, entre os primeiros fragmentos, já lemos o seguinte:

La supériorité se connaît à l'inégalité de l'échange.

Je donne peu pour recevoir beaucoup. Il me suffit de parler pour faire agir.

*Le riche est un homme auquel tous les pauvres donnent un sou.*⁵

(VALÉRY, 1984, p. 17)

A ideia da desigualdade social já está presente aí, inclusive atribuindo-a ao burguês, que nada faz e toma todo o resultado do trabalho para si. Daí a noção de superioridade, de hierarquia presente na sociedade. Depois, ainda sobre dominação, percebe-se melhor a ironia, mas também o pensamento de Valéry:

Tout mystique est un vase d'anarchie.

Devant Dieu considéré dans le secret de soi, et comme un secret de soi, rien ne tient.

Tout pouvoir est méprisable.

Cependant qu'est-ce que Dieu et qu'est-ce que le pouvoir ?

L'un, est le plus fort absolument (par définition).

L'autre, le plus fort mais pragmatiquement.

Pascal est le type de l'anarchiste est c'est ce que je trouve mieux en lui.

⁵ “A superioridade se conhece pela desigualdade da troca. / Dou pouco para receber muito. Basta-me falar para fazer agir. // O rico é um homem ao qual todos os pobres dão um tostão.”

« Anarchiste » c'est le observateur qui voit ce qu'il voit et non ce qu'il est d'usage que l'on voie.

*Il raisonne là-dessus.*⁶ (VALÉRY, 1984 p. 19)

Nota-se a controvérsia existente entre o anarquismo como movimento social e o anarquismo do pensamento que Valéry propõe. É claro que qualquer ação direta pressupõe uma reflexão que, certamente, parte de uma observação do cotidiano, não de uma moral religiosa, dentro do preceito posto no fragmento acima. Nesse sentido, o místico é definido como anarquista em potencial, por se afastar da autoridade da religião e buscar em si, tendo Deus dentro de si (na leitura de Valéry), uma verdade. Trata-se, é claro, de uma sentença irônica que não deixa de apontar a conclusão seguinte, de que “todo poder é desprezível”.

Sendo um texto fragmentário, é claro que sua leitura torna-se tortuosa, por isso não podemos dizer com certeza qual seria a ideia do autor sobre um ou outro assunto. Deus, mencionado nessa fragmento, não é uma constante nos *Principes*, porém se percebe que o enfoque da crítica do escritor é fundamentalmente a autoridade religiosa, não propriamente a espiritualidade, que não é o enfoque de seu texto. Considerando-se esse fato, acredito ser mais fácil compreender a presença de Pascal, autor das *Meditações*, como um “anarquista típico”.

É claro que Pascal nunca se definiu como anarquista *avant la lettre*, daí a ironia do autor, porém sua referência não deixa de ser coerente com a visão de que o místico é um candidato a ser anarquista pela renúncia da autoridade que o conduziria a “ver o que vê e não o que de costume se vê”. Essa definição, sim, pode ser facilmente relacionada à figura do cientista, da razão (“ele raciona acerca disso”), porém não aquele do século XIX, que ainda estava ligado à moral religiosa como base para sua função. Valéry afirma que assim deve ser o historiador também não somente nos *Principes* (VALÉRY, 1984 p. 130), mas também em outros textos seus, como “*De l’histoire*”, ensaio de *Regards sur le monde actuel* (VALÉRY, 1960, p. 935-937).

⁶ “Todo místico é um vaso de anarquia. / Diante de Deus considerado dentro do segredo de si, e como um segredo de si, nada há. / Todo poder é desprezível. / No entanto, que é Deus e que é o poder? / Um é o mais forte em absoluto (por definição). / O outro é o mais forte, mas pragmaticamente. / Pascal é um típico anarquista, e é isso que considero melhor nele. / ‘Anarquista’ é o observador que vê o que vê e não o que de costume se vê. / Ele raciocina acerca disso.”

Apesar da presença de princípios anarquistas no texto, vê-se que Valéry se apropria deles a seu modo, buscando dirigi-los a outros propósitos. Dois fragmentos nomeados “*Liberté*” (“Liberdade”) nos auxiliam nesse entendimento:

LIBERTÉ

An-archie est la tentative de chacun de refuser toute soumission à l'injonction qui se fonde sur l'invérifiable.

L'individu distingue l'individu dans le précepte ou la doctrine qu'on veut qu'il adopte et qui se revêt de termes dont nul individu n'est capable.

« Sois sûr de ce dont je t'assure et ne suis pas sûr, et ne puis l'être »

« Fais, obéis, pour le bien général qui est l'idée que j'en ai, moi. »

⁷(VALÉRY, 1984, p. 20)

LIBERTÉ

Il est des choses qui ne sont pas vraies à toutes les heures, qui sont difficilement vraies quand l'homme est seul et s'éveille au cœur de la nuit ; qui deviennent vraies devant les autres, et plus que vraies quand les autres sont eu foule. Rares sont ceux qui demeurent dans les mêmes vérités à toute heure et en toutes présences.

*Ce sont de ces corps qui n'entrent pas en combinaisons.*⁸ (VALÉRY, 1984, p. 37)

Em ambos os fragmentos, a liberdade está diretamente associada à liberdade de pensamento, o que deriva em uma contestação do poder, da dominação do outro com base em um pensamento sem qualquer base que realmente sustente a todos. Esse outro, no caso, seria um só, que dá ordens e espera que se obedeça e se faça algo por um “bem geral”. O poder é aqui associado à riqueza, referência do primeiro fragmento citado, o que constitui uma clara crítica do autor ao capitalismo e ao Estado ligado a ele. Como derivação dessa ideia, lemos algumas páginas diante que:

⁷ “An-arquia é a tentativa de cada um de rejeitar toda submissão à ordem que se baseia no inverificável. / O indivíduo distingue o indivíduo sob o preceito ou a doutrina que se quer que ele adote e se devaneia em termos de que ninguém é capaz. / ‘Esteja certo do que te asseguro que não estou certo e nem poderia sê-lo.’ / ‘Faça, obedeça pelo bem geral que é a ideia que eu tenho, eu mesmo.’”

⁸ “Há coisas que não são verdadeiras todas as horas, que são dificilmente verdadeiras quando o homem está sozinho e desperta no meio da noite; que se tornam verdadeiras diante dos outros, e mais ainda quando os outros estão em multidão. Raros são aqueles que permanecem com as mesmas verdades a toda hora e a toda presença. / São corpos que não entram em roupas.”

L'activité de l'esprit est ennemie de l'État. Mais sa profondeur peut se concilier avec lui, car le péril ne commence qu'avec la diffusion, et les choses profondes et difficiles ne diffusent pas.

L'existence d'une production de l'esprit destinée à l'esprit n'est pas possible dans un système socialiste achevé. Si ce système veut cependant tolérer (et comme il arrive, protéger cette production) elle est le grain de sable qui détraque la machine.⁹ (VALÉRY, 1984, p. 43)

Nesse fragmento, a supressão da liberdade do pensamento, do “espírito”, em termos filosóficos, pelo “outro”, dominador, é definitivamente associada ao Estado. A “atividade do espírito” é inimiga do Estado por não se submeter à razão por ele imposta, mesmo se sofrer algum apoio, afinal a difusão das ideias não acontecerá de modo livre. A crítica ao socialismo autoritário, imposto sob forma de golpe de estado e tomada de poder do governo por parte do partido, também aparece ainda que ligeira, já que ele também não permite essa liberdade de pensamento. São inúmeros os exemplos de como a ciência, a arte, as atividades intelectuais em geral podem ser manipuladas por um governo desde a Antiguidade, mas especialmente do período em que Valéry viveu.

Ainda pensando na esfera política, temos a crítica ao “homem político”, aquele da democracia representativa que toma para si o poder de *raciocinar*, porém não consegue fazê-lo para além da burocracia:

Nous n'en savons pas assez pour raisonner en politique puisque celle-ci ne peut qu'invoquer une idée de l'homme, si elle se prétend autre chose qu'une affaire de fait et d'expédients.¹⁰ (VALÉRY, 1984, p. 65)

Essa “ideia do homem”, ou seja, um conceito de homem certamente é um dos meios para fundamentar grande parte da ciência produzida pela humanidade, mesmo a ciência positiva do século XIX. Retoma-se aqui a crítica a Auguste Comte que, em sua

⁹ “A atividade do espírito é inimiga do Estado. Mas sua profundidade pode se conciliar com ele, pois o perigo começa apenas com sua difusão, e as coisas profundas e difíceis não são difundidas. // A existência de uma produção do espírito destinada ao espírito não é possível em um sistema socialista alcançado. Se esse sistema quiser, no entanto, tolerá-la – e, portanto, proteger essa produção –, ela será o grão de areia que trava a máquina.”

¹⁰ “Não sabemos o bastante para raciocinar na política, pois ela pode apenas invocar uma ideia de homem se ela se imagina como algo além de um negócio de fatos e expedientes.”

filosofia, criou grandes expectativas sobre a razão humana, porém todas com base na moral religiosa, burguesa, que concentra em si todas as conclusões da investigação científica. Um homem político nunca poderá, então, *raciocinar* realmente dentro desse contexto, apenas reafirmar “verdades”. Para Valéry, uma “ciência política” é impossível ao “homem político”, pois ele é inferior a essa tarefa, assim como todo “espírito possível” (VALÉRY, 1984, p. 92). Essa Razão, vinda do Iluminismo e usada pela burguesia a seu bel prazer, também é analisada:

La Raison (c'est-à-dire quelque manière de penser d'un certain état) serait impuissante sans quantité de superstitions, qui lui servent de moyens... // et dont l'une des plus fortes est la superstition de la raison même //
*De sorte qu'une certaine coordination des deux, ou proportion, est le meilleur cas possible.*¹¹ (VALÉRY, 1984, p. 115)

Nesses momentos, é fundamental se lembrar que Valéry é um homem de transição entre séculos, que cresceu ainda no final do século XIX com ideias poéticas simbolistas e noções intelectuais finisseculares. Ao escrever seus *Principes* em uma época de ascensão dos autoritarismos do século XX já sem a crença na Razão como princípio norteador neutro da sociedade, ele parece preocupado em valorizar o raciocínio, mas não a Razão como instituída historicamente desde o Iluminismo. Não apenas nessa obra, mas em outras, como *Mon Faust*, *Mauvaises pensées* e *Regards sur le monde actuel*, a formação de uma nova racionalidade lhe é essencial em termos filosóficos e políticos inclusive diante da caricatura do ser positivista burguês, do *homem banal* (no sentido de Hannah Arendt), como o *monsieur* Teste criado em sua juventude como escritor. O culto da razão como superstição é o argumento de Valéry contra a visão da Razão neutra, sem qualquer pressuposto ou até superstição, o que lhe faz pensar em uma moderação.

A crítica da Verdade instituída com base na Razão reaparece ainda nos *Principes*, agora relacionada diretamente à política estabelecida socialmente, como no fragmento a seguir, “A verdade política”:

LA « VÉRITÉ POLITIQUE »

¹¹ “A Razão (ou seja, a maneira de se pensar em um certo estado) será impotente sem uma quantidade de superstições, que lhe servem de meio... e, portanto, uma das mais fortes é a superstição da própria razão. // Então, uma certa coordenação dos dois, ou proporção, é a melhor opção possível.”

Expression dépourvue de sens.

L'idée de la « vérité » à tout prix est née dans quelques têtes généralement faibles en réflexion et fortes par incontinence incoercible.

Ainsi lancée et convenablement ennoblie, elle a été aussitôt utilisable et utilisée.

Arme redoutable – qui tranche dans la complexité des situations et fait dans l'organisme social des lésions dont on ne sait pas prévoir l'étendue, et qu'on ne peut pas limiter.

*Même observation pour la « Justice ».*¹² (VALÉRY, 1984, p. 123)

A verdade é novamente caracterizada como instrumento de manipulação do Estado, especialmente a “verdade política”, que causa “lesões” no “organismo” social, metáforas que, assim como em outros trechos da obra, denotam o caráter poética da escrita de Valéry. Ele é incisivo ao afirmar que essa verdade é “enobrecida” pelo *status quo*, como algo a ser buscado por todos, inclusive por cientistas, é claro. Essa razão única que nos guiaria à verdade não faz sentido na racionalidade almejada pelo autor nessa e outras obras. Ela deriva na autoridade, que, a serviço da “justiça” (também criticada no fragmento), se utiliza do “verdadeiro” a todo momento, bem como daqueles que podem fundamentar essa verdade, aqueles que produzem o conhecimento.

Valéry, nesse sentido, se aproxima de Piotr Kropotkin, que, em “*Modern science and anarchism*” (1903), demonstra como a filosofia positiva de Auguste Comte, apesar de sua preocupação com o método científico, se rendeu à moral religiosa para preencher a lacuna do *princípio moral*. De acordo com os anarquistas, inclusive Kropotkin, uma moral anarquista deveria ser buscada para se compreender o mundo sob uma ótica não-burguesa e anticapitalista. Dentro dos princípios de Valéry, certamente se busca uma ciência e uma razão distantes da religião, que se fundamentem sob a análise, a alteridade, como afirmou seu autor em tantos momentos de sua obra.

Não é possível dizer ainda que o poeta francês realizou leitura extensiva do geógrafo russo, porém pode se perceber que, de fato, existe alguma relação e, inclusive, alguma transformação dos princípios anarquistas. Também não se pode dizer com base

¹² “Expressão desprovida de sentido. / A ideia da ‘verdade’ a qualquer preço nasceu em algumas cabeças geralmente fracas em reflexão e fortes por incontinência incoercível. / Assim lançada e convenientemente enobrecida, ela foi logo utilizável e utilizada. / Arma temível – que se sobressai na complexidade das situações e causa lesões no organismo social que não se pode prever a extensão e que não se pode limitar. / Mesma observação para a ‘Justiça’.”

nesse texto que Valéry seria anarquista, afinal ele mesmo não disse isso e sequer podemos afirmar com certeza que ele poderia tê-lo dito. Seus *Principes*, ainda que dialoguem com o anarquismo, não são reflexões que se situam propositalmente dentro de um movimento social. O que busquei pensar neste texto é apenas a relação entre suas reflexões filosóficas e políticas da ciência e da razão com o anarquismo na medida em que o texto e alguns outros de sua obra o permitem.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, J. A. *A comédia intelectual de Paul Valéry*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- BOURJEA, S. (org.). *Paul Valéry et le politique*. Paris: L' Harmattan, 1994.
- JARETY, M. “Le retour de Descartes”. In: VALÉRY, P. *Cartesius redivivus*. Paris: Gallimard, 1986. (Cahiers Paul Valéry; 4)
- KROPOTKIN, P. “*Modern Science and Anarchism*”. Trad. para o inglês de David. A. Modell. Philadelphia, US: The Social Science Club of Philadelphia, 1903.
- VALÉRY, P. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Tradução de Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: ed. 34, 1998.
- _____. *Les principes d’an-archie pure et appliquée*. Org. de François Valéry. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. *Meu Fausto*. Tradução de Lídia Fachin e Sílvia Maria Azevedo. São Paulo: Ateliê, 2011.
- _____. *Monsieur Teste*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Œuvres*. v. 2. Paris: Gallimard, 1960. (Bibliothèque de la Pléiade)